

Índio expulso da sua tribo é o único invasor ainda na Vila

Carlos Menandro

Uma família indígena foi a única remanescente das 80 famílias removidas da invasão da Vila Paranoá, há uma semana, através da operação "derruba barraco", realizada pela Polícia Militar, fiscais da Terracap, Corpo de Bombeiro e Detran. Das cinco famílias que resistiam reerguendo diariamente seus barracos, na invasão, duas foram, sexta-feira para o galpão de Brasília (GO), duas decidiram viver de aluguel, restando somente a família do ex-cacique, Karnascócia Wereharárika Javaé, oriunda de uma nação Karajá, da Ilha do Bananal, em Goiás.

Resistindo à chuva forte que caiu no local durante o final de semana, ao frio e à falta de alimentos, o índio Karnascócia, e seus três filhos, o mais velho tem sete anos e o menor dois, permanecia em um barraco improvisado, até ontem. Ele disse que não conseguiu vaga junto à Fundação do Serviço Social para ir para Brasília com as demais famílias da invasão. Ontem, segundo o índio, o local amanheceu completamente encharcado pela chuva. Seu filho menor dormiu no barraco da vizinha, que dispõe de melhores condições.

Funai

Há quatro anos, Karnascócia liderava a tribo Javaé, da aldeia Boto Velho, na ilha do Bananal. Segundo ele, um funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai), que na época trabalhava na ilha, provocou um desentendimento entre as lideranças indígenas, da aldeia, resultando na sua destituição da função de cacique e a expulsão do próprio local. Karnascócia, desde então, abandonou sua tribo e veio para Brasília, com dois dos três filhos que teve com sua esposa, também da tribo Javaé. No Distrito Federal, o índio teve outro filho, mas não se casou novamente, em respeito às suas tradições.

Vingança. Com este objetivo, Karnascócia estuda, trabalha e cria seus filhos, na esperança (para ele, uma certeza) de concluir o terceiro ano do Supletivo, que cursa no Sesi, do Plano Piloto, e retornar a sua aldeia, para expulsar o funcionário da Funai, responsável pela perda de seu posto, como cacique da aldeia



Karnascócia, expulso por causa de problemas com gente da Funai

Boto Velho. Taxativo, Karnascócia afirma que não pretende matar o empregado da Funai, apenas fazer com que o mesmo pague, de forma idêntica, o mal causado a ele e a sua família.

Tradição

Arroz e peixe são, a única refeição do dia de Karnascócia e seus filhos, que conversam em Karajá. As crianças não falam português fluentemente, ao contrário do pai, que se comunica na língua dos brancos, inclusive, sem o sotaque característico dos indígenas colonizados. Para Karnascócia, é importante que seus filhos continuem falando a língua de origem, como uma forma de manter a tradição cultural de sua tribo, para onde eles pretendem voltar.

Amargurado, o índio conta que no dia em que a PM e a Terracap removeram os moradores da invasão, ele estava trabalhando (fica na Rodoviária segurando uma placa de anúncio de venda de ouro para a empresa Ouro Rio, ganhando um salário mínimo mensal). Neste dia, as crianças estavam na creche da Vila e o

barraco sozinho. Segundo ele, a Terracap levou as madeiras e diversos de seus pertences foram roubados, inclusive dois, dos três cobertores que a família dispunha, e um rádio. Sem ter para onde ir, Karnascócia permanece na invasão, aguardando a chegada de funcionários do Centro de Desenvolvimento Social de Brasília, para a transferência ao galpão de Brasília. O barraco reerguido, apenas com plásticos e lonas, não oferece a mínima condição de moradia, e o índio não pode voltar ao trabalho, com receio de que os fiscais da Terracap o derrubem novamente.

Esperança

O prefeito comunitário da Vila Paranoá, Gilson Araújo prometeu recorrer à Fundação de Serviços Sociais, para levar a família de Karnascócia para Brasília. Segundo Gilson, os recentes invasores da Vila fazem parte das 1200 pessoas que vivem de aluguel na Vila, que possui 5.500 barracos em fase de negociação com a Terracap para a realização do assentamento. Todas estas famílias já estão cadastradas, aguardando receber a posse definitiva do lote.